

Nicole Jordan

O DESEJO

Tradução
Sónia Mota Maia

*Quinta Essência**

Capítulo 1

Costa da Cornualha, três meses antes...

Brynn Caldwell não estava num dos seus melhores dias. Mergulhou por baixo da rebentação tépida, tentando afogar a sua fúria em ebulição na profunda lagoa alimentada pelas marés. A frustração que lhe causava o irmão mais velho, Grayson, atingira os limites do suportável.

Deixando escapar uma imprecação entre dentes, voltou à superfície e virou-se de costas, tentando acalmar-se. Não era a primeira vez que, depois de uma discussão inconsequente com Gray, vinha refugiar-se naquela enseada isolada por baixo da casa onde viviam.

A pequena baía era flanqueada, dos dois lados, por rochas denteadas e, do lado de trás, estava protegida por um penhasco baixo que ocultava de olhos indiscretos a piscina natural entre as rochas. Ia ali sempre que podia, ou quando precisava de paz, tal como naquele momento.

Ali, podia sentir-se livre das rígidas restrições que impunha a si mesma. Ali, podia esquecer os problemas que a preocupavam constantemente: como evitar que a sua família empobrecida caísse na miséria, como proteger o irmão mais novo, Theodore, das perigosas noções de educação de Gary.

O sol da tarde de junho aquecia-lhe o rosto enquanto flutuava, deixando a água salgada do mar acalmar-lhe o mau génio. Mas nunca se sentira tão desamparada. Gray tencionava levar Theo, nessa mesma noite, numa expedição de contrabando à

meia-noite e, apesar de ter discutido com ele até ficar rouca, não podia fazer nada para impedi-lo.

– Diabos o levem! – murmurou, uma imprecação que, ultimamente, usava com frequência contra o irmão mais velho. Grayson era-lhe muito querido, mas arrastar uma criança para as suas atividades ilícitas era simplesmente criminoso.

Aquele sentimento de impotência irritava-a. Criara Theo desde bebé – desde que a mãe morrera ao dar à luz, há doze anos – e queria a todo o custo poupar-lhe os perigos nos quais os seus outros quatro irmãos, assim como ela própria, se haviam visto enredados.

O contrabando era um modo de vida comum na costa da Cornualha. Tendo crescido ali, aceitava os estratagemas ilícitos aos quais as gentes locais recorriam para garantirem a sua sobrevivência, traficando mercadorias como conhaque e seda nas costas dos funcionários da alfândega para evitar as taxas aduaneiras proibitivas.

Mas o Comércio Livre era demasiado perigoso. O seu pai perecera numa tempestade, há vários anos, ao tentar iludir um fiscal alfandegário. E o mesmo acontecera a vários outros homens daquele distrito, deixando viúvas e filhos pequenos sem qualquer meio de subsistência.

E agora Grayson tencionava envolver Theo na próxima expedição de contrabando de conhaque, para que ele pudesse «aprender a dar o seu melhor» e ajudar a amortizar as pesadas dívidas que o pai acumulara. Era o suficiente para instigar instintos violentos em Brynn.

Obrigou-se a boiar durante mais algum tempo e depois nadou mais um pouco, tentando apaziguar a frustração que a oprimia – sem resultado. Quando se virou para a praia, estava fisicamente exausta, mas, ao trepar para a borda da lagoa rochosa, os sentimentos de culpa, raiva e desamparo continuavam tão fortes como antes.

Por um momento, ficou ali de pé, com a túnica encharcada a pingar, torcendo os longos cabelos molhados. A brisa marítima secá-los-ia rapidamente, pois aquela parte da costa da Cornualha tinha um dos climas mais quentes de Inglaterra.

Porém, quando procurou a toalha que deixara ali no solo, apercebeu-se de que desaparecera. Ergueu os olhos, procurando-a e avistou um intruso no seu refúgio privado. Brynn ficou petrificada, com o coração a martelar-lhe no peito.

Ele estava encostado descontraidamente a um pedregulho, observando-a a coberto das sombras da tarde. Também estava vestido informalmente, envergando calças até ao joelho, botas reluzentes de cano alto e uma camisa branca de cambraia sem lenço de pescoço. No entanto, não havia nada de descontraído no olhar avaliador com que a media lentamente.

Alarmada, Brynn deu um passo atrás. Como conseguira ele chegar à praia rochosa por baixo do penhasco? Teria descoberto a gruta que ficava logo abaixo da casa e o seu túnel secreto? Não parecia um funcionário da alfândega, mas, por vezes, os fiscais do governo percorriam aquela costa em busca de contrabando.

– Quem é o senhor? – perguntou numa voz ofegante.
– Como chegou aqui?

– Desci por ali – respondeu ele, fazendo um gesto com a cabeça na direção das rochas acima de si.

– Não respondeu à minha primeira pergunta.

Brynn reparou que ele era alto e bem constituído, com cabelos escuros e encaracolados um pouco mais compridos do que a moda ditava. Quando saiu da sombra, o olhar fixou-se-lhe no rosto. As suas feições esguias e aristocráticas conferiam-lhe uma beleza notável, que só não podia considerar-se arrogante devido à boca sensual. Os seus olhos de longas pestanas eram de uma tonalidade espantosa, como o azul profundo do oceano num dia radioso de verão, e conseguiam paralisá-la.

– Sou Wycliff – limitou-se a dizer, como se esse facto devesse impressioná-la.

E, na verdade, impressionava. Brynn reconheceu o nome do rico e poderoso conde de Wycliff. Era conhecido como libertino e líder da infame Hellfire League¹, um clube restrito de nobres perversos que se dedicavam aos prazeres e à devassidão. Subitamente, Brynn tomou consciência de um tipo diferente de perigo. O simples facto de se encontrar sozinha com ele podia manchar-lhe a reputação.

– Isso não explica o que faz aqui – replicou com acrimónia.

– Estou de visita a um amigo.

– Sabe que está a invadir uma propriedade privada?

A boca dele curvou-se num encantador meio sorriso.

– Não pude resistir ao prazer de ver uma ninfa marinha a divertir-se no seu reino. Nem sequer tinha a certeza de que fosse uma pessoa real.

Estendeu-lhe a toalha, mas Brynn recuou prudentemente mais um passo, incitada a fugir por todos os seus instintos. Queria retroceder ainda mais, mas, com a lagoa logo atrás de si, não tinha para onde fugir senão para dentro de água.

– Não precisa de ter medo de mim – observou ele, tranquilizadamente. – Não tenho o hábito de abusar de mulheres belas, por muito pouca roupa que as cubra.

– Não é o que consta... – começou Brynn, mas depois baixou os olhos para si mesma e quase arquejou. A túnica que envergava tornara-se transparente, exibindo-lhe os seios com mamilos franzidos e o tufo de pelos acobreados na junção das coxas. Perturbada, aproximou-se dele e arrancou-lhe a toalha das mãos, enrolando-a à volta do corpo e protegendo assim os seus encantos do olhar interessado que neles se fixava.

¹ Liga Fogo do Inferno. (*N. da T.*)

– Não vou atacá-la. Afinal, sou um cavaleiro.

– Será mesmo? – perguntou ela com ceticismo. – Um cavaleiro retirar-se-ia imediatamente e deixar-me-ia vestir com privacidade.

Um sorriso preguiçoso espelhou-se nos olhos azuis do conde, mas ele não fez a menor menção de lhe fazer a vontade. Incomodada por aquela arrogância, Brynn passou bruscamente por ele e caminhou descalça, num passo majestoso, em direção à rocha onde deixara o vestido e os sapatos. Porém, mal dera quatro passos quando uma dor aguda na planta do pé esquerdo a fez sustar a respiração. Parando abruptamente, apoiou o peso do corpo na outra perna, maldizendo a sua precipitação. Cortara o pé numa concha ou numa pedra.

– Está a sangrar – disse uma voz preocupada por trás de si.

– Estou ótima.

No entanto, quando tentou coxear até às suas roupas, sentiu-se subitamente erguida por dois braços fortes.

Brynn arquejou, chocada.

– Como se atreve... ponha-me no chão! – exigiu, tentando libertar-se, mas os seus esforços foram em vão. Além de alto e bem constituído, Wycliff era também surpreendentemente musculado e, no seu conjunto, demasiado dominador para o gosto de Brynn, tanto na atitude como no tom de voz.

– Esteja quieta – ordenou ele. – Só quero ver a sua ferida.

Transportou-a como se ela não pesasse mais do que uma erva e pousou-a num pedregulho alto, sentada de frente para ele e com os joelhos à altura do seu peito largo.

Brynn deitou-lhe um olhar furioso, mas ele limitou-se a esboçar um sorriso perverso. Quando lhe percorreu brevemente o peito com o olhar, ela apercebeu-se de que a toalha escorregara e agarrou-a desesperadamente, cobrindo os seios indecentemente expostos. Contudo, não podia fazer nada para esconder as pernas, nuas até aos joelhos.

Finalmente, ele concentrou-se no seu pé esquerdo. Envolveu-o gentilmente com as suas mãos elegantes, virando-o ligeiramente para inspecionar o corte que sangrava na parte de baixo. O seu toque era cuidadoso ao sacudir a areia e sondar a ferida com o polegar.

– Não parece ser muito profundo – murmurou.

– Eu já lho tinha dito, senhor, estou perfeitamente bem. E não me agrada que me aborde desta forma.

Em vez de responder, Lorde Wycliff começou a puxar a bainha da camisa para fora das calças.

Os olhos de Brynn arregalaram-se de alarme.

– O que está a *fazer*?

– Estou a rasgar uma tira da minha camisa para ligar a sua ferida. Não trago comigo ligaduras neste momento, nem sequer um lenço.

Brynn reparou que era uma camisa cara, feita da melhor cambraia, cujo preço seria o bastante para alimentar uma família plebeia durante semanas. Mas o conde de Wycliff era conhecido por ser suficientemente rico para destruir uma dúzia de peças de vestuário como aquela sem pensar duas vezes.

– Vai estragar a sua camisa – protestou Brynn debilmente.

Aquele meio sorriso encantador brilhou novamente.

– Mas faço esse sacrifício por uma boa causa.

Wycliff rasgou a parte inferior do tecido, arrancando parte da bainha, e começou a ligar-lhe o pé.

Mordendo o lábio, Brynn baixou os olhos para a cabeça escura que se curvava sobre ela. A proximidade dele estava a afetá-la de uma forma estranha, embriagando-lhe os sentidos e fazendo o coração bater-lhe ridiculamente depressa. O cabelo espesso e encaracolado dele era castanho muito escuro, da cor forte do chocolate negro, e o seu aroma puro e masculino chegava-lhe através do odor pungente a água salgada que vinha do mar.

Ele também parecia intimamente consciente do corpo dela, pois o seu toque era demorado e provocante ao ligar-lhe o pé.

Depois de lhe enfeitar o peito do pé com um belo nó, ficou imóvel. Quando olhou repentinamente para cima, os seus olhos cor de safira haviam escurecido.

Brynn ficou paralisada. *Oh, céus*. Já vira aquele olhar nos olhos de outros homens. Ânsia, necessidade, desejo masculino primitivo. Ali estava ela sentada, molhada e enlameada como um gato afogado, e, ainda assim, aquele belo estranho olhava-a como se ela fosse a mulher mais encantadora que já encontrara.

Era, mais uma vez, a maldição da cigana, pensou Brynn, sentindo o coração cair-lhe aos pés. O poderoso feitiço cigano que, há quase duzentos anos, fazia os homens enlouquecer pelas mulheres da sua família. E estava ali sozinha com aquele lorde perverso, praticamente nua.

Brynn estremeceu, apesar do calor do sol que lhe incidia na cabeça molhada.

– Tem frio? – perguntou ele numa voz subitamente rouca.

– Não... como lhe disse, estou muito bem. Ou estaria, se se fosse embora e me deixasse em paz.

– Não seria cavalheiresco deixá-la nestas condições. Está ferida.

– Cá me hei de arranjar.

– Não pode querer dizer que irá a pé para casa, sereia. Onde vive? Eu levo-a lá.

Brynn hesitou. Não podia, de modo algum, deixá-lo levá-la ao colo. Não podia ser vista sozinha com um nobre tão mal-afamado, especialmente estando tão pouco vestida. Mesmo que vestisse o vestido – que era um dos mais velhos que possuía –, aparecer em público nos braços daquele homem causaria certamente um escândalo. O simples facto de o informar da sua identidade seria uma imprudência.

Se ao menos ele partisse, ela poderia regressar a casa através da gruta, que estava ligada por uma passagem estreita à casa da sua família, no alto do penhasco.

Fingindo-se acanhada, baixou o olhar para esconder a mentira que se lhe lia nos olhos. Seria melhor levá-lo a pensar que era uma criada. Na verdade, suspeitava que ele já estava convencido disso, pois nenhuma verdadeira senhora iria nadar de roupa interior.

– O milorde não gostaria de ver um estranho acompanhar-me a casa.

– Tem um protetor?

Brynn compreendeu que, com aquela pergunta, ele pretendia inquirir se ela era amante de algum homem.

– Sim, milorde. – Não lhe disse que o seu «protetor» era o seu irmão mais velho, Sir Grayson Caldwell.

– Eu devia ter calculado. – A voz dele era grave e sensual. – Uma mulher tão encantadora já teria de estar tomada.

– Deixe-me ir embora... por favor. – Se pudesse, Brynn teria descido do pedregulho onde se encontrava empoleirada, mas ele estava mesmo à sua frente, demasiado perto para lhe permitir algum conforto.

– Nem sequer me disse o seu nome.

– É... – Brynn ia dizer *Elizabeth*, que era, na verdade, o seu nome do meio. Mas poucas criadas tinham um nome tão elegante. – Chamo-me Beth.

As sobancelhas espessas de Wycliff juntaram-se enquanto a estudava.

– Não sei porquê, esse nome não se lhe adequa. Não faz justiça a uma ninfa marinha. Em vez disso, chamá-la-ei Afrodite. Foi a primeira designação que me ocorreu ao vê-la emergir da espuma.

– Preferia que não me chamasse nada e se despedisse.

Os olhos semicerrados do conde iluminaram-se de divertimento, medindo-a de cima a baixo.

– Meu Deus, como é rebelde. O seu protetor deve ter um trabalhão para lidar consigo.

– Isso não lhe diz respeito, milorde.

– Pois não, infelizmente. – Aquele murmúrio era rouco e vibrante. Sedutor. Acariciava-lhe os terminais nervosos como veludo.

– *Vai* deixar-me ir embora? – perguntou Brynn numa voz demasiado estrangulada.

– Vou. Com uma condição.

– Condição? – Brynn fitou-o cautelosamente, tentando reunir as suas defesas. Depois do dia frustrante que tivera, não estava disposta a que brincassem consigo nem lhe apetecia tornar-se o brinquedo de um devasso.

– Tem de pagar uma multa. – A mão dele ergueu-se até ao rosto e tocou-lhe levemente a boca com um dedo. – Um simples beijo. Nada mais.

Brynn receava que ele não se satisfizesse apenas com um beijo. Nem mesmo um libertino tão experiente e desencantado como o conde de Wycliff poderia resistir à terrível maldição da cigana. Para sua eterna consternação, Brynn possuía poderes femininos únicos. Um encanto irresistível que herdara da sua lendária antepassada.

Contudo, Brynn sabia que só se veria livre dele quando cedesse.

– Se o beijar, promete ir-se embora?

– Se insistir.

– Dá-me a sua palavra de honra?

– Com certeza.

Os olhos dele tocavam-na no seu íntimo e Brynn não conseguia desviar o olhar. Só esperava poder acreditar nele.

– Muito bem – disse relutante. – Um beijo.

Com a garganta seca, Brynn preparou-se quando ele lhe colocou as mãos na cintura para a fazer descer da rocha. Mas, em vez de simplesmente a colocar no chão, apertou-a contra si. A respiração de Brynn ficou-lhe presa na garganta enquanto ele a fazia deliberadamente escorregar ao longo de todo o seu corpo.

O sorriso sedutor do conde não tinha nada de contrito.

– Se só me é permitido um beijo, então tenho de fazer dele um beijo inesquecível. – Mantendo-a apertada contra si, baixou a cabeça.

Os lábios dele eram quentes e surpreendentemente macios – e mais aliciantes do que ela poderia ter imaginado. Brynn tentou manter-se rígida, mas a carícia daquela boca tentadora tornava os seus esforços vão.

Os dentes dele começaram a puxar-lhe o lábio inferior, mordiscando-o suavemente, enquanto, com a mão, lhe acariciava a curva das costas. Brynn sentiu os primeiros arrepios de uma resposta sexual para os quais não estava preparada.

Inconscientemente, entreabriu os lábios e ele aproveitou-se imediatamente do facto. Delicada e implacável, a sua língua introduziu-se-lhe na boca numa invasão lenta e profunda. O sabor dele era incrivelmente excitante. Brynn estremeceu ao sentir a carícia quente daquela língua áspera e sedosa dentro da sua boca, sentindo uma dor doce e desconhecida entre as coxas.

Então, o beijo dele tornou-se mais exigente, causando-lhe uma ânsia que não lhe parecia possível. Todos os nervos do seu corpo despertaram e retesaram-se enquanto a língua dele brincava com a dela, tocando-lhe, aliciando-a, serpenteando num longo padrão sinuoso de recuo e penetração. Um suspiro irreprimível libertou-se da garganta de Brynn. Sentia o movimento lento das ancas dele contra as suas, o vergonhoso formigueiro nos seios, o calor impudico que lhe alastrava entre as coxas.

Nesse momento, ele apertou-a com mais força nos seus braços, envolvendo-a no calor acentuado do seu corpo, pressionando o corpo dela, agora mais maleável, contra a dureza da sua ereção, e Brynn quase perdeu o fôlego. E as mãos dele...

O coração de Brynn batia-lhe violentamente no peito enquanto os longos dedos do conde se curvaram sobre os seus seios. Nalguma zona distante da sua mente, sabia que não

devia permitir-lhe tais liberdades, mas não tinha forças para protestar. Os dedos experientes dele acariciavam-na, envolvendo e provocando o mamilo contraído com a competência de um perito.

Brynn tremia quando, finalmente, o conde ergueu a cabeça, mas não a libertou. Fixou os olhos nos dela, penetrando-a com o olhar de uma forma perturbadoramente íntima.

– Quero saborear-te – murmurou ele numa voz rouca e áspera.

Brynn sabia que devia virar costas e fugir, mas não conseguia mover-se. Estava aprisionada pela intensidade inquebrantável do olhar dele.

Wycliff afastou-lhe uma madeixa de cabelo molhado da têmpora e depois moveu as mãos para o decote da sua camisa. Esquecida, a toalha caiu no chão quando ele lhe libertou os seios, expondo-os ao calor do sol e do seu olhar.

Com os olhos acesos como chamas de cobalto, o conde baixou a cabeça. Brynn sentiu-lhe o toque suave da respiração mesmo antes de os seus lábios lhe capturarem um dos mamilos eretos. Quando ele começou a lambê-la, humedecendo-lhe o mamilo enrijecido, soltou-se-lhe um queixume da garganta. Depois, fechou-lhe a boca molhada e ávida sobre a ponta enrugada, capturando-lhe a carne macia e inchada entre os dentes e puxando-a, sugando-a com força.

A sensação que lhe invadiu o corpo foi tão excruciantemente violenta que os joelhos lhe fraquejaram. Levou as mãos ao cabelo dele e fechou-as sobre aquela massa sedosa e espessa. Ele pressionou-lhe as costas contra o pedregulho, mas ela não resistiu, ignorando a voz da razão cujos avisos lhe ecoavam na mente. Ele estava a seduzi-la e ela não se importava.

O joelho de Wycliff introduziu-se-lhe entre as pernas de uma forma tão íntima que lhe projetou facadas de desejo através do corpo trémulo. A rocha áspera cravava-se-lhe dolorosamente nas costas através do fino tecido da túnica, mas Brynn deu por

si a puxar a cabeça dele contra o seu peito, tentando aproximar ainda mais de si aquela boca torturante e incansável.

Ele continuou a saboreá-la, a atormentá-la, enquanto os sentidos de Brynn enlouqueciam. Oh, céus, o que lhe estava a acontecer? Nunca homem algum a afetara daquela forma. Nunca sentira sensações tão intensas, um desejo tão incontrolável. Era *ela* que levava os homens à loucura e não o contrário. Os *homens* eram as vítimas do poderoso feitiço da cigana...

Oh, Deus, a maldição.

Vinda de algum lugar longínquo, uma ténue centelha de razão insinuou-se-lhe na consciência. Aquilo era uma loucura. Ele era demasiado ardente. O seu abraço impetuoso estava a ficar fora de controlo, precipitando-se num vórtice escuro e perigoso. Brynn soube, sem margem para dúvidas, que a sua virgindade estava em perigo; se o deixasse continuar àquele ritmo, perderia toda a sua inocência.

– Não... por favor... o senhor *prometeu* – arquejou.

Recuperando uma réstia de resistência, Brynn tentou afastar-se. Mas, para seu desânimo, ele não a largou.

O seu desespero aumentou. À beira do pânico, Brynn ergueu o joelho entre as coxas dele, tocando na saliência dura de carne masculina que aí se escondia por baixo das calças.

O som agudo que ele soltou em resposta foi algo entre um arquejo e um gemido, mas o golpe dela teve o efeito pretendido de o fazer soltá-la, com uma imprecação abafada. Brynn teve um vislumbre da sua expressão – espanto, dor, raiva – enquanto ele se dobrava para a frente. Ficou imóvel durante um momento, agarrando os joelhos com as mãos e tentando recuperar o fôlego.

Brynn encarou-o, com os seios nus sacudidos pela sua respiração ofegante. Uma mulher não devia mostrar qualquer conhecimento sobre as partes íntimas do corpo de um homem, mas, tendo crescido com cinco irmãos, ela tinha algumas noções de luta. O próprio Grayson lhe ensinara a proteger-se fisicamente

de pretendentes demasiado inflamados, explicando-lhe quais as partes mais vulneráveis da anatomia masculina.

Pela primeira vez em meses, Brynn abençoou o irmão mais velho em vez de o amaldiçoar.

Mas, quando Lorde Wycliff levantou a cabeça, percebeu que ainda tinha de lidar com um macho furioso e magoado. Apesar do olhar vítreo e fascinado nos seus olhos, fitou-a com uma expressão furiosa e ameaçadora, fixando-lhe os seios nus.

Desesperadamente, Brynn endireitou a camisa em desalinho e afastou-se uns centímetros, deslizando para fora do espaço entre ele e o pedregulho. Lamentava ter-lhe causado uma tal dor, mas não tivera outra forma de quebrar o encantamento.

– Peço desculpa – murmurou em tom de desafio –, mas nunca deveria ter-me beijado... ou tocado... desta forma.

Ele ainda respirava com dificuldade quando respondeu, surpreendendo-a.

– Eu sei. Foi imperdoável da minha parte.

Brynn devolveu-lhe o olhar cautelosamente, enquanto se aproximava do seu monte de roupa.

A boca sensual do conde franziu-se numa expressão a meio caminho entre uma careta de dor e um sorriso de autorreprovação.

– Sou eu quem deve pedir desculpa. A minha única atenuante é ter-me deixado levar pelos seus encantos.

Aquele pedido de desculpa espantou-a, apesar de não ter a certeza de poder confiar nele. Pegando rapidamente no vestido e nos sapatos, apertou-os contra o peito, escondendo os seios da vista dele.

– Suponho que não tenha conseguido controlar-se – replicou de má vontade.

Segurando firmemente a roupa, virou-se e afastou-se pelo caminho pedregoso que cortava a face do penhasco sem se importar com o pé ferido.

Deteve-se uma vez para deitar uma olhadela para trás. Lorde Wycliff estava de pé lá em baixo, na praia de seixos,

olhando-a. Tinha as mãos pousadas nas ancas estreitas, as pernas fortes levemente afastadas, como se estivesse no cimo de uma montanha, inspecionando os seus domínios.

Brynn compreendeu, com um imenso alívio, que ele não tencionava segui-la. Ainda assim, estava certa de que voltaria a ver aquele conde arrogante.

Voltando-se, Brynn desatou a correr, desaparecendo por detrás de um maciço de pequenos arbustos precariamente presos à beira do caminho.

Quando ela desapareceu da sua vista, Lucian soltou a respiração num suspiro quase inaudível. Aquele encontro deixara-o inesperadamente abalado.

O facto de uma criada levar a melhor sobre ele era uma experiência nova. Aliás, o facto de qualquer mulher resistir aos seus avanços era uma novidade – e era ainda mais excepcional que ele tivesse perdido o controlo daquela forma.

Lucian abanou a cabeça, sentindo a boca arquear-se-lhe num sorriso divertido, zombando de si próprio. Não estava, de forma alguma, habituado a ser rejeitado. Normalmente, as mulheres, qualquer que fosse a sua posição ou pretensão de dignidade, competiam pelas suas atenções e favores. Nunca lhe sucedera ser *atacado* por uma.

Todo aquele interlúdio fora totalmente inesperado. Estava no desempenho de uma missão destinada a descobrir informações vitais para a guerra, esquadrinhando as grutas ao longo da costa marítima em busca de locais onde pudesse encontrar-se ouro roubado. A última coisa que esperara encontrar era uma ninfa marinha escassamente vestida com cabelos acobreados flamejantes e olhos cor de esmeralda.

Encantado à primeira vista, observara-a fascinado enquanto ela saía da lagoa, impressionado pela beleza indomada que se lhe deparava. Quando ela ficou de pé, banhada pela luz do Sol, com o corpo envolto numa suave brisa marítima, parecia uma deusa primitiva, deixando-o quase sem fôlego.

Mas, para seu deleite, descobrira que não se tratava de uma criatura imaginária. Era intensamente real, uma tentadora mulher de carne e osso. Tudo nela era profundamente sensual, desde o brilho intenso do cabelo à pele clara e sedosa e às coxas esguias, nuas e molhadas de água do mar. E aqueles olhos...

Podia perder-se naqueles vibrantes olhos verdes.

Quem raio seria ela? Era demasiado bem-falante para ter um estatuto inferior ao de uma criada da classe alta. Talvez uma dama de companhia ou uma governanta. Mas nenhuma governanta tinha aquele aspeto, uma postura tão convictamente desafiadora ou uma língua tão afiada. A ousadia dela espantara-o um pouco.

Era óbvio que tinha a confiança de uma mulher segura da sua posição. A sua beleza exigia, sem dúvida, a homenagem de um protetor abastado.

Lucian sabia que ela seria uma amante magnífica – fogosa, desdenhosa, mas suficientemente recetiva sexualmente para corresponder aos seus apetites intensos com os seus próprios impulsos.

Imaginava-se a deslizar ardentemente para as profundezas daquele corpo sedoso, sentindo-a enlaçá-lo com aquelas pernas fortes e graciosas e envolvê-lo numa nuvem daquele cabelo glorioso, enquanto ele a levava ao auge da paixão.

Era o suficiente para fazer o sangue ferver-lhe nas veias. E ao pensar na reação dela...

Sabia que ela o desejara. Reconhecera todos os sinais de uma mulher excitada, o corpo cada vez mais maleável à medida que o abraçava e acariciava, os suaves gemidos de prazer que soltara quando ele lhe saboreara os seios maduros e voluptuosos...

A simples recordação daqueles momentos fez uma onda de calor invadi-lo. Lucian deu por si a resmungar uma imprecação entre dentes ao sentir a ânsia apossar-se-lhe do ventre. Desde a adolescência, jamais alguém o deixara tão atormentado por um desejo não consumado.

Sendo assim, como procederia a seguir? Conseguiria induzi-la a abandonar o seu protetor – com promessas de riqueza ou de qualquer outra contrapartida significativa? Não havia dúvida de que estava intrigado, nem de que o encanto lascivo dela o extasiava.

Era uma pena que a posição dela não fosse mais elevada. Há meses que procurava uma noiva que lhe desse um filho. Se a linhagem dela fosse mais nobre, não hesitaria em propor-lhe casamento.

Mas, apesar das suas origens humildes, ele gostaria de a galantear. Não, mais do que galanteá-la, emendou Lucian. Sentia uma necessidade dolorosa e impaciente de a possuir. Queria aquela beleza fascinante na sua cama.

Os olhos estreitaram-se-lhe ao contemplar o caminho através do penhasco por onde ela fugira. Queria-a. E Lucian Tremayne, sétimo conde de Wycliff, geralmente conseguia aquilo que queria.